

Transformações e Influências do Celular nas Relações Sociais: um estudo de caso das percepções e práticas sociais sobre o uso do celular no quotidiano e nas relações entre casais, cidade de Maputo.

Hélio Bento Maúngue
Centro de Estudos Africanos – Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

As reflexões sobre a realidade quotidiana têm vindo a ocupar um lugar no debate sócio-científico em Moçambique nas Ciências Sociais e Humanas no geral e, particularmente da Sociologia, neste sentido o presente artigo discorre sobre as transformações sociais nas condições de sociabilidade que o uso do celular tem na vida dos indivíduos com particular destaque nas relações entre casais³⁰. O artigo é fruto de uma pesquisa qualitativa, usa como método de abordagem o estudo de caso e como técnicas de recolha de dados entrevistas semi-estruturadas. Concluímos: que o celular altera os hábitos, valores, prioridades dos indivíduos; que os mesmos são dependentes do celular e que este se encontra sempre por perto e ligado; com o celular é possível emergência de manifestação e práticas informais de controlo social e de fiscalização entre os casais; com o celular a vida entre os casais se torna imprevisível e em consequência do uso do celular surgiram novas regras de convivência social entre os casais.

Palavras-chave: celular, relações sociais, controlo social, invasão de privacidade.

Introdução

Vivemos num mundo paradoxal, de constantes mutações produzidas pela globalização³¹, pela sociedade de consumo e pela sociedade de informação onde

³⁰ Entende-se no presente trabalho “relações entre casais”, aquelas que envolvem por meios afectivos e amorosos indivíduos com o estatuto de casados, que vivam maritalmente e que estejam a namorar.

³¹ Segundo Anthony Giddens (1991) globalização é a compreensão do tempo e do espaço, onde os fenómenos que se manifestam em lugares muito distantes se fazem sentir em muitos outros lugares.

a imaginação humana tem inventado novos artefactos com a intenção de facilitar a vida em sociedade. Tal invenção tem-se reflectido na aceleração das mudanças sociais sem precedentes na história da humanidade, relacionadas com a frequente introdução de inovações em forma de produtos e serviços que alteram os modos de vida dos indivíduos, o funcionamento das instituições sociais, empresas e o desenvolvimento relativo dos países.

Entre os artefactos constam as novas tecnologias de informação e comunicação que ao penetrarem no mundo da vida dos indivíduos permitem fazer coisas que antes de sua invenção não eram possíveis, como por exemplo, o deslocamento, contacto e os relacionamentos sociais à distância e virtuais, demonstrando que as formas de convivência estenderam-se sem precedentes no tempo e no espaço. Das novas tecnologias de informação e comunicação que possibilitam esses factos constam o computador, incluindo (a Internet, o e-mail, etc.) e o celular³².

Como ciência do social a Sociologia se destaca na busca da compreensão das mudanças que as novas tecnologias impõem aos indivíduos e explicá-las. Queremos destacar que o celular ao penetrar na vida em sociedade gera transformações na vida dos indivíduos, mas, sabe-se muito pouco ou explora-se muito pouco sobre os impactos sociais que este artefacto provoca em Moçambique apesar da velocidade com que o mesmo se tem tornado presente na sociedade. Assim, apesar da presença do celular em Moçambique, são poucas as pesquisas académicas sobre o uso do mesmo, principalmente na Sociologia, no que respeita aos impactos deste na vida das pessoas. Isto é, apesar de o celular se encontrar presente no quotidiano dos indivíduos constata-se um relativo vazio de estudos académicos sobre o mesmo nas Ciências Sociais em geral e na Sociologia em Moçambique, em particular. Portanto, o celular é um objecto pouco pensado em termos de

³² Segundo o repórter científico americano James Gleicko (1994), um telefone celular ou telemóvel é um aparelho de comunicação que permite a transmissão bidireccional de voz e dados utilizáveis em uma área geográfica que se encontra dividida em células (de onde provêm a nomenclatura celular). Telefone celular, ou simplesmente celular (plural celulares). Estes aparelhos passaram a ser designados a seu tempo como “telemóvel” (plural telemóveis), uma simplificação de “telefone móvel”. No entanto, neste trabalho a designação celular ou “celulares” permanece como designação técnica.

produção sociológica em Moçambique daí propomo-nos mergulhar em um terreno social pouco explorado e reflectir sobre novas realidades quotidianas que o uso do celular permite.

Apesar de serem escassos estudos que versam sobre os impactos e transformações sociais do desenvolvimento tecnológico em Moçambique. O sociólogo moçambicano Elísio Macamo (2008) debruçou-se no seu blog sobre o celular. Para esta análise, Macamo tomou como ponto de partida a reflexão do sociólogo alemão George Simmel (1858 – 1918), no seu livro “A Filosofia do Dinheiro”³³. Macamo apoia-se na discussão levantada por Simmel para ver até que ponto o celular pode ser descrito e interpretado mais ou menos aos moldes seguidos pelo sociólogo alemão. No entanto, chama-nos atenção que não se trata da “Filosofia do celular, mas sim uma “Etnografia do celular” onde procura fazer uma “morfologia” das nossas relações sociais e o que elas estão a fazer a nossa sociedade e ao nosso sentido de identidade.

Neste sentido, o celular, pode se tornar um objecto relevante de análise sociológica no que concerne ao impacto que o mesmo tem na vida quotidiana dos indivíduos e assim compreender através dele a época actual, isto é, a maneira que os indivíduos tem de pensar, sentir e agir no tempo e espaço actual e as suas representações específicas do uso do celular. Bem como apreender que comportamentos adoptam para dar sentido ao seu mundo de vida, estruturando-o.

Ao analisarmos as percepções e práticas que os entrevistados têm do uso do celular, queremos entende-los como dotados de uma capacidade construtivista da realidade em que se envolvem. Assim, o nosso trabalho é uma abordagem enquadrada na perspectiva das teorias de construção que apontam para a actividade construtora do homem no seu quotidiano.

Nosso argumento central é que o uso do celular possibilita que ocorram percepções e práticas sociais de “invasão de privacidade” e de controlo social entre os casais.

³³ SIMMEL, George. *The Philosophy of Money*. Edited by Tom Bottmore and David Frisby, from a first draft by Koellhe Mengelber. London: Routledge, 1984.

Objectivos

De modo a se atingir resultados coerentes que reflectissem a real situação da questão em reflexão e permitir uma recolha de dados pertinentes, foi definido como objectivo geral:

- Descrever e compreender as transformações e influências que o uso do celular impõe na sociabilidade dos indivíduos no que respeita a relação destes consigo mesmos e com o respectivo parceiro, apreendendo para tal as percepções e práticas sociais que estes têm face ao celular no decurso do quotidiano, incidindo particularmente em como este transforma e influencia a questão da privacidade e controlo social entre os casais.

Sendo que os objectivos específicos constituem a base crucial para o alcance do objectivo geral, foram traçados de forma particular os seguintes objectivos específicos:

- Identificar como os indivíduos se relacionam com o seu celular no quotidiano;
- Identificar como o celular, possibilita práticas e atitudes de “invasão de privacidade” e de controlo social entre os casais;
- Identificar como o celular possibilita novas práticas sociais, incluindo atitudes de insegurança, incerteza e de desconfiança entre os casais.

Metodologia

Uma coisa que tínhamos em mente era que o trabalho não tomasse o rumo de análises quantitativas, com resultados estatísticos, uma vez que não queríamos trabalhar com dados que não permitissem uma interação com o objecto e ter que os quantificar na base procedimentos estatísticos. No estudo, a abordagem qualitativa não é uma alternativa as insuficiências das abordagens quantitativas, mas, sim como uma escolha do pesquisador. Tratasse de uma tentativa de estabelecermos uma interação com o nosso objecto de estudo, o que não seria

possível com inquéritos na base de perguntas fechadas, geralmente associadas a abordagens quantitativas de pesquisa.

O uso da abordagem qualitativa também justifica-se por querer-mos investigar questões relacionadas com as visões do mundo dos indivíduos, ligadas a práticas destes no seu quotidiano. Queremos deste modo, identificar suas percepções e representações sociais que o uso do celular traz sobre a questão da “invasão de privacidade” e controlo social, e assim captarmos suas experiências em seus quadros sociais de referência. Como procedimento, adoptamos um estudo³⁴ de caso para apreendermos as experiências quotidianas do nosso grupo alvo e, para abordar um fenómeno no contexto de situação real, pela apreensão das características significativas da vida quotidiana dos entrevistados em torno do celular. Assim, o estudo de caso, opção assumida neste trabalho, define-se como uma linha da pesquisa qualitativa de análise interpretativa dos fenómenos. Assim, escolhemos um pequeno grupo como alvo pela impossibilidade de realizar um estudo de grandes dimensões e abrangente, bem como por razões de custo e de tempo.

O local escolhido foi o mercado Janeth, pela possibilidade de elaborar o trabalho de campo sem grandes deslocações diárias para colecta e pelo carácter heterogéneo da sua população, ou seja, há uma mescla sociocultural e económica, o que possibilitou captar diferentes percepções e práticas que os indivíduos têm face ao celular.

Escolhemos uma amostra constituída por 18 indivíduos. Sendo um número pequeno³⁵, escolhido intencionalmente, em função da aceitação e do interesse dos mesmos em fazer parte da nossa amostra e compartilhar suas experiências em relação ao tema. Foram entrevistados 9 Mulheres e 9 Homens. Sendo que quanto ao seu estatuto 6 são casados, 6 vivem maritalmente, 4 namoram e 2 são

³⁴ Segundo Barros e Leheld (2000) pode-se realizar um estudo de caso tipificando um indivíduo, uma comunidade, uma organização, um bairro comercial, etc., para identificar as percepções e representações sociais, bem como para obtenção de conhecimentos de uma realidade delimitada.

³⁵ Segundo o sociólogo e investigador italiano, Franco Ferrarotti (1985) para o investigador, o ideal seria poder entrevistar todos os membros de uma determinada população, porém, não sendo possível na prática por razões de custo e de tempo, resta-nos apenas colectar uma amostra que nem é sempre representativa.

separados. Esta categorização surgiu em função da aceitação dos indivíduos em fazer parte da pesquisa.

Utilizou-se como técnica de recolha de dados entrevistas semi-estruturadas em profundidade com um único respondente. Estas foram gravadas em áudio, com uma duração de 30 à 40 minutos cada e posteriormente transcritas uma por uma para análise de conteúdo e avaliação dos dados.

Resultados

Para apresentação dos resultados, depois de transcritas, lidas e comparadas todas entrevistas buscamos as respostas mais comuns em termos de palavras que mais surgiam para mesma questão, bem como alguns parágrafos que expressavam práticas e atitudes também comuns. Em torno das respostas escolhemos as questões mais relevantes para o tema em análise. É de salientar que as expressões saíram espontaneamente dos entrevistados ao apresentarem seus depoimentos sobre o tema.

Tendo em conta os objectivos estabelecidos para o trabalho apresentamos neste capítulo os resultados relevantes que o trabalho do campo nos forneceu, fruto dos depoimentos que ouvimos durante as entrevistas no que concerne as transformações que o uso do celular proporciona aos indivíduos no quotidiano.

Para apresentação dos resultados organizamos a análise nos seguintes blocos temáticos: a) Os entrevistados têm o celular sempre por perto, ligado e sentem-se mal quando o esquecem em casa; b) Celular é um facilitador dos negócios; c) O celular propícia à quebras de privacidade entre casais associado a práticas de controlo social entre os mesmos; d) Com o celular existem manifestações de desconfiança que possibilitam ocorrências de aborrecimentos entre os casais.

a) Os entrevistados tem o celular sempre por perto, ligado e sentem-se mal quando esquecem o celular em casa

Questionados sobre a rotina diária dos indivíduos desde que acordam até irem dormir sobre a localização do celular e o estado em que o mesmo tende a

ficar (ligado/desligado, em silêncio ou a vibrar). Começaram por apontar que ao dormir o celular fica por baixo das almofadas e/ou na cabeceira da cama, que ao acordarem estes apontaram que tendem a leva-lo à casa de banho quando vão tratar de sua higiene pessoal, bem como quando estão a passar as refeições este está com eles em cima da mesa ou no bolso/carteira/bolsa.

Sobre o facto como o celular tende a ficar durante o dia todo, os entrevistados apontam que este está sempre ligado e por isso sempre contactáveis, sendo que somente fica desligado se a bateria do mesmo perder a carga.

Questionados sobre como se sentiam quando esquecem o celular em casa estes apontaram não se sentirem bem, ou seja, no que respeita a reacção dos entrevistados quando esquecem o celular em casa, pelos depoimentos nenhum deles demonstrou que se sentia normal ou que não fazia nenhuma diferença. Mas sim, todos entrevistados apontaram que não se sentiam bem porque não trazem consigo algo que tem sempre por perto. Esse não se sentirem bem para os entrevistados faz-lhe sentirem-se sem peças de roupa (calças ou camisas), semi-nus, sem roupa interior (biquíni ou cuecas). Aprofundando esta questão os entrevistados foram apontando que se sentiam incompletos, como se tivessem deixado uma parte de si, um prolongamento das suas vidas e que sentissem um vazio porque não trazem consigo algo que sempre os acompanha.

b) Celular é um facilitador dos negócios

Questionados sobre quais são as necessidades que mais lhes satisfazem com o uso do celular, a comunicação é palavra de ordem. Para começar a descrever as necessidades que justifiquem o uso do celular os entrevistados, apontaram que querem comunicar-se com familiares e amigos que se encontram distante. Aprofundando sobre as necessidades, e que também justifica a questão de comunicação a distância, muitos dos entrevistados apontaram que o celular facilita e/ou ajuda no negócio, porque com ele fica fácil a aquisição de produtos, visto que podem contactar os seus fornecedores.

Reflectindo ainda a influência do celular no negócio os entrevistados demonstraram que seus clientes mais frequentes sempre ligam a questionarem se têm algum produto específico, bem como eles também contactam os clientes informando que têm certos produtos.

c) O celular propícia a quebras de privacidade entre casais associado a práticas de controlo social entre os mesmos

Questionados se os entrevistados mexem ou mexiam o celular dos parceiros, pelos depoimentos, demonstraram que existe um esforço sistemático de mexerem o celular dos parceiros sem autorização. No entanto, pelos depoimentos apresentados existe maior tendência em mexerem o celular dos parceiros, apontando como causa a questão de ciúmes. Ainda pelos depoimentos os entrevistados apontam existir também um esforço por parte dos seus parceiros em mexerem seus celulares, acontecendo isso principalmente quando estão distantes do mesmo.

Aprofundando porquê mexem o celular dos parceiros, pelos depoimentos mexem o celular do parceiro com o intuito de ver as mensagens e chamadas recebidas e efectuadas pelo mesmo. No entanto, os entrevistados apontam que os parceiros também fazem a mesma coisa justificando que o fazem por ciúmes, manifestando uma prática de invasão da privacidade e de controlo social por parte destes.

Questionados como tendem a reagir os entrevistados quando os parceiros efectuam ou recebem uma mensagem ou chamada quando estão juntos, apontaram que existe uma tendência de questionarem com quem estava a estabelecer comunicação. Isto é, Pelos depoimentos, existe uma tendência sistemática de os entrevistados questionarem aos parceiros com quem estão ou estavam a comunicar-se ao celular. No entanto, o esforço sistemático de questionar com quem o parceiro estava a comunicar-se via celular, pelos depoimentos ocorre também do lado dos parceiros dos entrevistados. Isto é, os entrevistados apontam que também são questionados com quem estavam a comunicar-se.

Ainda na mesma questão, os entrevistados apontam que têm a tendência ligar ou enviar mensagens à questionar aos parceiros onde é que estão e o que estão a fazer. No entanto este aspecto também se manifesta do lado oposto, isto é, respectivos parceiros tendem também à questionar-lhes onde é que estão e o que estão a fazer.

Houve tendência, espontaneamente e sem serem questionados, de os entrevistados apontarem que procuram estabelecer regras quando se apercebem que os seus celulares são mexidos pelos parceiros, mesmo tendo apontado atrás que os parceiros mexem e que eles também mexem o celular. Pelos depoimentos, estas regras tendem a ser explicitamente estabelecidas e fruto de uma negociação, bem como implicitamente estes procuram não fazê-lo.

d) Com o celular existem manifestações de desconfiança que possibilitam ocorrências de aborrecimentos entre os casais

Quando os entrevistados estão próximos aos seus parceiros e estes tendem a levantar-se para falar ao celular ou ler uma mensagem distante dos entrevistados, pelos depoimentos, existe a tendência de os entrevistados apresentarem uma mudança na sua forma de estar quando o parceiro tem uma prática dessas. Sendo que apontaram sentirem-se mal, ficarem preocupados ou desconfiados de algo, porque o comum é atender o celular ou ler a mensagem sem se afastarem. Assim, em face dos actos atrás apontados, os entrevistados apontam que ficam aborrecidos com as práticas dos parceiros, isto é, zangados e chateados. Pelos depoimentos dos entrevistados, percebe-se que os seus parceiros tendem também a ficar desconfiados e preocupados quando os entrevistados tendem a ter práticas de se afastar para se comunicar via celular. Como os entrevistados, os seus parceiros tendem também a ficar aborrecidos (zangados e chateados) quando os entrevistados tem este tipo de práticas, isto é, quando se levantam e se distanciam da presença dos parceiros estabelecer um contacto via celular.

A questão de desconfiança de ambas partes, tende a manter-se quando a comunicação não é imediata, isto é, quando o entrevistado liga ou envia mensagem

ao parceiro e este não dá um retorno imediato, manifestando-se desconfiados e preocupados. Aprofundando a questão relativa a falta de um contacto e retorno imediato quando os entrevistados procuram contactar-se com os respectivos parceiros, estes apontaram no entanto, que o clima atrás descrito tende a causar mau estar na relação. Todavia, quando a situação é do lado contrário ao do entrevistado, isto é, do respectivo parceiro, a manifestação de desconfiança e preocupação também se faz sentir quando o retorno não é imediato. No entanto, ainda sobre a mesma questão, pelos depoimentos os entrevistados apontaram que quanto a reacção, os parceiros também tendem a ficar aborrecidos quando desconfiados, após uma tentativa frustrada de contacto imediato com eles.

Discussão

Os resultados de mudança micro-social que apresentamos, se adequadamente interpretados, podem ser úteis como meios de enxergarmos algumas das mudanças sociais que o uso do celular impõe aos indivíduos. Exploremos e discutamos esses resultados e tentemos compreender o que nos revelam.

Para começar importa apontar que os resultados nos permitem discorrer sobre as minúcias do uso quotidiano que os entrevistados fazem dos seus celulares, bem como da importância e do lugar ocupado em suas vidas.

O facto de terem o celular sempre por perto, ao ponto de estar em baixo das almofadas ao dormir ou na cabeceira da cama, de o levar a casa de banho e para passar as refeições, evidencia que o celular se tornou um elemento indispensável no quotidiano. No entanto, a pretensão de o ter sempre ligado, demonstra que com o artefacto se tem a ideia de que estão sempre presentes e contactáveis³⁶, criando uma necessidade de estarem sempre disponíveis, daí o facto de a maioria não desligar o celular.

Estes factos, são elucidativos da criação de um hábito que tende a ser frequente e enraizar-se na vida dos entrevistados. Para Berger e Luckmann (1996:77):

³⁶ Por vezes quando isto não acontece, obriga-os a ter que responder porquê não estabelecerem retorno imediato, como veremos adiante.

Toda actividade humana está sujeita ao hábito. Qualquer acção frequentemente repetida torna-se moldada em um padrão, que pode em seguida ser reproduzida com economia de esforço e que, *ipso facto* é aprendido pelo executante como tal padrão. O hábito implica além disso que acção em questão pode ser novamente executada no futuro da mesma maneira e com o mesmo esforço económico. Isso é verdade na actividade não social assim como na actividade social.

O que se depreende é que está surgindo uma dependência face ao celular. Ele está intrinsecamente interiorizado no quotidiano dos indivíduos e em suas práticas, não só como acessório e facilitador da comunicação, mas também como parte deles. Sendo que no entanto, criam práticas no quotidiano face ao celular como forma de adaptação ao mundo social.

Este facto é visível quando, todos apontaram que não se sentem bem quando estão sem o celular, algo como apontaram ter sempre por perto. Sentindo-se como se estivesse a faltar algo em eles, uma peça de roupa, uma parte de suas vidas. Como aponta o seguinte depoimento como se estivessem sem algo que os identifica: *O celular para mim é como BI, é minha identificação como se não fosse eu sem meu celular* (Victor³⁷).

Compreende-se aqui, ideia de dependência que se tem do celular, para o ter sempre por perto, criando novos estilos de vida. Sendo o que justifica essa dependência face ao celular é a facilidade de comunicação. Assim a comunicação é a palavra de ordem. Para a facilidade de comunicação é relevante quando apontam poderem contactar familiares e amigos distantes, pela possibilidade também de estabelecer contactos com clientes e fornecedores. Em relação aos fornecedores, ganham um poder de autonomia e controlo do negócio, na medida que não precisam de abandonar o local de venda, por vezes, para aumentar ou estabelecer o stock de produtos. Portanto, para os entrevistados ser negociante justifica ter que ter celular, isto é, o celular é um elemento catalisador da actividade. Como se ser negociante implica o uso do mesmo, como demonstra o seguinte depoimento: *Conforme eu disse, as vezes quero qualquer coisa aqui na banca, se não tenho celular não posso fazer nada* (Teresa).

³⁷ Todos os nomes usados na recolha de dados são fictícios.

O celular ocupa um lugar importante na vida dos entrevistados por isso estes tendem a tê-lo sempre por perto. Este se configura como um espaço privado para os entrevistados. Isso porque têm chamadas recebidas e efectuadas, bem como mensagens trocadas. Contudo, quando se relacionam com os respectivos parceiros ocorrem práticas tendentes a invadir – se o celular um do outro, práticas estas associadas a um controlo social entre os casais. Isto é, como se o seu celular fosse tomado de assalto pelos parceiros. Ocorrendo assim, manifestações de fiscalização e de controlo social informal³⁸.

As práticas de “invasão da privacidade” associadas com práticas de fiscalização e controlo social ocorrem quando por iniciativa própria, existe um esforço sistemático por parte de cada um dos parceiros, para mexer o celular do outro sem autorização. Sendo que a situação mais frequente para que essas práticas ocorrem, é quando o dono do celular não está próximo do mesmo (algo que aponta ter sempre ou quase sempre por perto).

No entanto, na tentativa de preservar suas privacidades, existe entre os casais a tendência de criarem regras de convivência, com o intuito de evitar que se mexa o celular um do outro. Assim o celular, possibilita a emergência de novas regras de convivência entre os indivíduos (casais) que partilham do mesmo espaço. Essas regras informais, segundo Howard S. Becker (1978:45) “definem situações sociais e os tipos de comportamentos apropriados a elas, especificando algumas acções como certas e proibindo outras como erradas”. Elas surgem em forma de acordos informais, isto é, fruto de uma negociação e criando novas formas de conduta, como demonstra o seguinte depoimento: *Depois conversamos e chegamos a um consenso de que cada qual com o celular dele e ficamos assim...* (Felicidade).

Ainda para evitar a “invasão de privacidade”, existe a capacidade de implicitamente construírem na mente regras, para não mexerem o celular de outrem. Neste sentido, se compreende que, na realidade da vida quotidiana, os indivíduos avaliam os custos e as vantagens do cumprimento de uma regra ou

³⁸ Segundo Lakatos e Marconi (1999:105): “o controlo social informal são atitudes espontâneas que baseiam-se nas relações pessoais e íntimas que ligam componentes de um grupo”.

norma. Ou seja, os indivíduos interpretam realidade e constroem “teorias” para organizar suas percepções e experiências do quotidiano em que se envolvem. Conforme nos elucidada a seguinte passagem: *Eu não mexo porque tenho aquela coisa, o celular é dele, ele tem as amizades dele, é o particular dele* (Hanifa).

Há aqui a ideia da criação de métodos para viver em sociedade, bem como procedimentos e considerações utilizados para dar sentido as circunstâncias em que os entrevistados se encontram.

Pelos resultados, a tendência de “invasão de privacidade” associada ao controlo social, ocorre igualmente quando os parceiros estão juntos e um deles levanta para atender ou efectuar uma chamada, bem como para ler ou enviar uma mensagem. Isto é, a privacidade pode ser invadida indirectamente, sem ser necessário mexer o celular do outro, bastando que se questione com quem o parceiro estava a comunicar, ou seja, querer saber da conversa que o parceiro acaba de ter.

A “invasão da privacidade” associada ao controlo social ocorre também, quando os parceiros estão distantes um do outro. Isto é, o celular que possibilita a comunicação a distância, também permite que a privacidade seja invadida. Segundo Lyon (1998:69) “uma das características da sociedade de informação é o papel da tecnologia de informação e comunicação no controlo e na vigilância”. Apesar da aceção deste autor ser a nível macro, o celular nos dias de hoje tem permitido com que isto se vislumbre a nível micro das relações entre os casais. Assim, a invasão da privacidade e o controlo social, ocorre a distância entre os casais quando entre eles, se questionam onde cada um está e o que está a fazer. Criando-se assim métodos e práticas para tal. A passagem que se segue elucidada como se manifesta a questão de invasão e de controlo: *Então ele as vezes pergunta do tipo onde é que estas, para saber se na verdade já estou naquele sitio* (Crizalda).

No entanto, os resultados apontam que no quotidiano dos casais com o uso do celular surgem manifestações de desconfiança. Esta manifestação tende a ocorrer quando juntos um deles se levanta para efectuar qualquer comunicação via celular, sendo que se instaura um clima de incerteza e insegurança, susceptíveis de causar aborrecimentos. Isto é, o clima de convivência pode alterar por momentos, e

passar por um clima de intrigas. Como aponta a seguinte passagem: *Da maneira que eu já vivi, a reacção é de me puxar e dizer, senta-la, quem é essa pessoa que faz levantar e falar lá fora* (Antónia).

Os resultados apontam ainda que a desconfiança, ocorre também quando os parceiros estão distantes um do outro, quando não é possível existir uma comunicação imediata. Isto é, quando se ligam ou enviam mensagem e o retorno não é imediato, bem como se, sem saber as razões, o celular do outro está desligado, criando interrogações para saber porquê estas práticas ocorrem, causando incertezas e tornando as relações menos previsíveis. Neste sentido, como aponta Macamo (2008) “ (...) e ai a nossa não disponibilidade vira fonte de suspeita, dependendo do tipo de relação que temos com a pessoa que nos queria contactar, (...) se for a mulher ou marido a pergunta é com quem está?”.

Assim, não existir retorno imediato e ter o celular desligado, faz com que se deva justificar. Pelos resultados, faz com que surjam aborrecimentos entre os casais, porque o celular é percebido como algo que os torna sempre presentes e contactáveis para quem os deseja contactar. Isto é, como aponta Macamo (2008) “o celular obriga-nos a justificar porquê não queremos que os outros soubessem que estamos disponíveis”. Assim, sem procurar-se saber as razões para não haver um contacto imediato e/ou retorno, os resultados apontam a ocorrência de actos que manifestem aborrecimentos, como nos elucida o seguinte depoimento: (...), *havia guerra, porque eu perguntava o que tava ela a fazer até me deixar ali em ultimo plano, segundo plano. Fico chateado e cobro razões* (risos) (Pedro).

Isto demonstra outro importante efeito que o uso do celular tem na organização subjectiva dos casais, relacionado com a sensação de insegurança e/ou incerteza dos seus relacionamentos amorosos e afectivos, isto é, podendo surgir percepções de desconfiança mútuos pela impossibilidade de ocorrer um “feedback” rápido as solicitações.

Conclusões

No trabalho, pretendíamos analisar as percepções e práticas sociais de um grupo de indivíduos sobre as transformações e influências que o uso do celular impõem no cotidiano dos mesmos individualmente e nas relações com os respectivos parceiros.

Para começar importa apontar que os resultados nos permitiram discorrer sobre as minúcias do uso cotidiano que os entrevistados fazem dos seus celulares, bem como da importância e do lugar ocupado em suas vidas. Sendo que a preocupação que nos fez elaborar este trabalho, esteve relacionada com a necessidade de compreender como o uso do celular transforma e estrutura o cotidiano dos indivíduos. Para depois descrever o comportamento dos mesmos.

Foi-nos possível concluir que o celular altera os hábitos, valores, prioridades e as próprias visões do mundo dos entrevistados, na medida em que este passou a ser um elemento com o qual os entrevistados não podem estar longe, bem como para perpetuar o seu dia-a-dia.

Concluimos que os indivíduos são dependentes do celular ao ponto de nos apontarem que não conseguem ficar longe do mesmo, isto é, visto que o levam para todo sítio onde vão. Sendo que este passou a ocupar um lugar importante em suas vidas, que vai além de um simples acessório, mas também como um companheiro.

Concluimos que com o celular tem-se a ideia de que estão sempre contactáveis e disponíveis, daí justificar-se o facto de se o ter sempre ligado. Este facto permite também deslocamentos virtuais, que permitem estabelecer contactos a distância com familiares, amigos, fornecedores e clientes. Sendo que se destaca que para os mesmos, o facto de serem negociantes justifica o uso do celular, como se ser negociante e não o ter celular não fizesse sentido.

Concluimos igualmente que, em consequência do uso do celular novas regras de convivência social entre os casais emergiram e por eles foram criadas, como forma de organização do mundo vida.

Concluimos que com o celular tem-se a ideia de que estão sempre contactáveis e disponíveis, daí justificar-se o facto de se o ter sempre ligado.

Concluimos que com o celular é possível a emergência e manifestação de práticas informais de controlo social e de fiscalização entre os casais. Assim, este artefacto que ao mesmo tempo permite contactos a distância é algo que também pode por em causa a existência de espaços privados e de intimidade.

Por último, concluimos que com o celular a vida entre os casais se torna imprevisível, na medida em que surgem nas relações manifestações mútuas de incerteza, insegurança e desconfiança. Factos que ocorrem quando não é possível entre eles estabelecer contactos imediatos e com retornos imediatos. Bem como quanto juntos, estes se afastam um do outro para estabelecer comunicação com outrem. Associado a isto, surgem alterações no clima de convivência, manifestadas por aborrecimentos.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Adil de Jesus & Leheld, Neide Aparecida de Souza (2000). *Fundamentos Metodologia*. São Paulo: Makron Books.
- BECKER, Howard S. (1978). *Uma Teoria da Acção Colectiva*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BERGER, Peter & Luckmann, Thomas (1996). *A Construção Social da Realidade: Tratado da sociologia do Conhecimento*. Rio de Janeiro: Vozes.
- FERRAROTTI, Franco (1985). *Sociologia*. Lisboa: Editorial Teorema.
- GIDDENS, Anthony (1991). *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Utesp.
- GLEICKO, James (1994). "A transformação do Telefone". *Dialogo: A Agenda Económica*. vol. 15, nº. 3: 19-34.
- LYON, David (1998) *A Pós – Modernidade*. São Paulo: Paulus.
- Marconi, Marina de Andrade & Lakatos, Eva Maria (1999). *Sociologia Geral*. São Paulo: Atlas.

Artigos electrónicos

- MACAMO, Elísio (2008). A Etnografia do Celular (1-10). Disponível em: <<http://www.ideiascriticas.blogspot.com/>>. Acesso em 2008.4.16, 2008.